



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 01/07/2022 a 07/07/2022

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>01/07/2022</b>	16,26	459,70	65,68	8,31	7,54
<b>04/07/2022</b>	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
<b>05/07/2022</b>	15,75	452,80	60,52	7,93	7,36
<b>06/07/2022</b>	15,80	462,60	60,22	7,92	7,44
<b>07/07/2022</b>	15,91	470,00	63,17	7,47	8,24
<b>Média</b>	<b>15,93</b>	<b>461,28</b>	<b>62,40</b>	<b>7,91</b>	<b>7,64</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	172,00	
RS – Não Me Toque	172,00	
RS – Londrina	171,00	
PR – Cascavel	171,00	
MT – C.N.Parecis	156,00	
MS – Maracaju	169,00	
GO - Rio Verde	155,00	
BA – L.E.Magalhães	158,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	81,00	CIF
Porto de Paranaguá	83,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	80,00	
SC – Rio do Sul	83,00	
PR – Cascavel	78,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	70,00	
SP – Itapetininga	80,00	
SP – Campinas	82,00	CIF
GO – Rio Verde	65,00	
GO – Jataí	65,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	115,00	
RS – Não Me Toque	115,00	
PR – Londrina	110,00	
PR – Cascavel	112,00	

Período: 06/07/2022

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 07/07/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	83,45	177,56	114,21

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
07/07/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	71,56
Feijão (saco 60 Kg)	243,33
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,20
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,60**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,96

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Junho/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja despencaram nesta semana. O bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, chegou a bater em US\$ 15,75 no dia 05/07, enquanto novembro (período de colheita nos EUA) veio a US\$ 13,16/bushel. O óleo caiu para 60,22 centavos de dólar por libra-peso, ajudando a puxar para baixo o grão. Posteriormente, houve o tradicional ajuste técnico e o fechamento desta quinta-feira (07) ficou em US\$ 15,91/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 16,75 uma semana antes.

A média de junho ficou em US\$ 16,90/bushel, indicando um leve aumento de 0,8% sobre a média de maio. Um ano antes, em junho de 2021, o bushel fechou na média de US\$ 14,62, enquanto maio do ano seguinte registrava US\$ 13,99. Portanto, o mercado da soja parece estar revertendo seu quadro altista, depois de dois anos consecutivos de constantes altas. Resta saber em que intensidade se dará esta reversão e se a mesma será de curto ou longo prazo.

Por enquanto, os motivos da queda estão ligados ao forte recuo nos preços do óleo de palma, após a liberação das exportações do mesmo pela Indonésia. Igualmente pesa muito o sentimento geral, cada vez mais presente, de que os principais países do mundo estariam entrando em recessão econômica, incluindo a China, que vem reduzindo sua demanda. Outro fator decisivo está na alta dos juros básicos nos EUA, fato que leva os operadores, nas bolsas de commodities, a venderem os contratos destes produtos e buscarem adquirir títulos públicos do governo estadunidense. Além disso, o clima nos EUA continua normal, projetando safra cheia naquele país. Aliás, esse seria o fator conjuntural que pode alterar o quadro baixista no curto prazo, na medida em que o mesmo pesará no mercado até o início da colheita dos EUA, em setembro/outubro.

Neste sentido, muita atenção aos relatórios semanais das condições das lavouras nos EUA. O último, levando em consideração o quadro até o dia 03/07, apontou uma redução para 63% das mesmas entre boas a excelentes, contra 65% na semana anterior. Todavia, um ano atrás a situação apresentava 59% das lavouras nestas condições. Outros 28% estão regulares e apenas 9% entre ruins a muito ruins. Do total, 16% das lavouras estavam em fase de florescimento, contra 22% na média histórica para esta data.

Pelo lado da demanda, chama a atenção o fato da China ter revertido oito navios de soja provenientes dos EUA, retornando-os para o mercado estadunidense. Os chineses estariam privilegiando a soja brasileira que, neste momento, se apresenta mais barata (desconto de 40 centavos por bushel em relação à dos EUA). Nas duas últimas semanas quase 500.000 toneladas de soja dos EUA entraram nesta situação. Dito isso, não se pode ignorar que a suinocultura chinesa está se recuperando, com as margens melhorando junto aos criadores e às indústrias de ração locais. Ao mesmo tempo, uma demanda maior, além de garantir margens melhores, também já estimula os suinocultores chineses a voltarem ao ciclo normal de abate dos animais, segurando os mesmos por mais tempo, o que gera maior consumo de ração. Mesmo assim, por enquanto os preços médios do suíno, embora tenham registrado um aumento de cerca de 60%, do início de maio até este início de julho, ainda se mostram aquém do recorde registrado em 2020 e dos valores registrados no primeiro semestre do ano passado. (cf. Agrinvest e Shanghai JC Intelligence Co Ltd)

Por outro lado, ainda na China, apesar do recente recuo nos preços da soja no mercado internacional, as margens das indústrias esmagadoras se mantêm negativas. Isso leva a um recuo em novas compras de soja no mercado externo. Nas últimas duas semanas de junho, traders informaram que a China comprou menos de 20 navios de soja, metade do ritmo que vinha comprando no início de junho. Recentemente, os estoques da oleaginosa, em grão e farelo, surpreenderam o mercado ao triplicarem entre março e junho. Assim, o ritmo de novas compras de soja, por parte do país asiático, de qualquer origem, é bem menor do que em outros anos. (cf. Agroinvest)

Já na União Europeia, no ano comercial 2021/22, encerrado em 30/06, as importações de soja somaram 14,54 milhões de toneladas, com recuo de 6% sobre o ano anterior. O volume importado do Brasil atingiu quase 60% do total comprado pela União em 2021/22, ou cerca de 8,5 milhões de toneladas. Já as importações de farelo de soja, no mesmo ano, totalizaram 16,50 milhões de toneladas, 4,5% abaixo do ano anterior. O Brasil, que tem na União seu principal cliente para o farelo de soja, foi o maior fornecedor do produto ao bloco de países europeus, com 45,3% do total, superando a Argentina, que lidera a exportação de soja processada. Enquanto isso, as importações de óleo de palma ficaram em 4,8 milhões de toneladas, 12% abaixo do volume importado em 2020/21. Por sua vez, as importações de óleo de girassol, a maioria proveniente da Ucrânia, terminaram a temporada em 1,95 milhão de toneladas, com um aumento de 13% em relação ao ano anterior. (cf. Alfândegas dos diferentes países europeus)

E aqui, no Brasil, os preços continuaram em recuo. O mesmo só não foi maior porque o câmbio sustentou parcialmente as cotações, na medida em que o Real bateu em R\$ 5,40 em alguns momentos da semana. Além disso, os prêmios nos portos se mantêm firmes, entre US\$ 0,75 e US\$ 1,95/bushel para o período de julho a outubro. Assim, a média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 177,56/saco, enquanto nas principais praças gaúchas o valor praticado caiu para R\$ 172,00. Já nas demais regiões do país o preço da soja girou entre R\$ 155,00 e R\$ 171,00/saco.

Afora isso, o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) informou que mantém sua projeção para uma safra recorde de soja no Mato Grosso, para a safra 2022/23, em 41,5 milhões de toneladas. Para tanto, a área a ser semeada atingiria a 11,8 milhões de hectares, com aumento de 2,9% sobre o ano anterior. Apesar dos altos custos de produção, os investimentos, por parte dos produtores locais, continuam sendo feitos. A produtividade média local está projetada em 58,6 sacos/hectare. Já para o milho safrinha, que vem sendo colhido, a expectativa é de o Mato Grosso fechar com 39,2 milhões de toneladas colhidas.

De forma geral, caso Chicago confirme patamares mais baixos para o bushel, daqui em diante (o que irá depender do clima e da nova safra nos EUA), o preço da soja no Brasil dependerá, especialmente, das oscilações do câmbio, as quais tendem a ser intensas na medida em que avançamos na direção das eleições presidenciais de outubro. Será preciso muita atenção a este contexto a partir de agora, com os produtores brasileiros devendo praticar a média de comercialização para evitarem riscos econômicos.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente recuaram nesta semana, chegando a bater em US\$ 7,36/bushel, porém, acabaram se recuperando um pouco no fechamento do dia 07/07, quando o primeiro mês ficou fixado em US\$ 7,47, contra US\$ 7,43/bushel uma semana antes. Lembrando que a média de junho, em Chicago, fechou em US\$ 7,58/bushel, para o primeiro mês, com um recuo de 3,8% sobre maio. Em junho de 2021 a média foi de US\$ 6,72/bushel.

Dito isso, nos EUA as condições das lavouras do cereal, até o dia 03/07, apresentavam 64% entre boas a excelentes, estando no mesmo nível do ano anterior, nesta época. Outros 27% se apresentavam regulares e 9% entre ruins a muito ruins. 7% das lavouras estavam em fase de embonecamento na data indicada, contra 11% na média histórica.

E no Brasil os preços do milho voltaram a recuar, sendo que em algumas praças o recuo foi forte. No Rio Grande do Sul, a média de balcão ficou em R\$ 83,45/saco, registrando praticamente uma estabilidade em relação a semana anterior. Porém, nas demais praças nacionais, onde a pressão da colheita da safrinha se faz sentir de forma mais intensa, os preços oscilaram entre R\$ 65,00 e R\$ 83,00/saco. Já na B3, o fechamento do dia 06/07 registrou, para o contrato julho, o valor de R\$ 82,12/saco; para setembro R\$ 84,71; para novembro R\$ 86,33; e para janeiro próximo R\$ 87,56/saco.

Quanto a produção geral de milho, tem-se que a mesma deverá ficar entre 110 (AgResource) e 119 (StoneX) milhões de toneladas. A área total semeada ocuparia entre 21,4 e 22,5 milhões de hectares, com produtividade média entre 5.400 a 5.600 quilos/hectare.

Para Safras & Mercado, a colheita do milho de verão teria ficado em 21,8 milhões de toneladas no Centro-Sul brasileiro, sendo a área semeada estabelecida em 4,38 milhões de hectares. Com isso, a produtividade média daquela safra teria sido de 4.986 quilos/hectare. Já para a safrinha, a referida consultoria indica uma colheita de 82,2 milhões de toneladas, contra 57,8 milhões no ano anterior. A projeção atual está em recuo de um pouco mais de um milhão de toneladas, para a safrinha, devido à redução no potencial produtivo de Goiás e Minas Gerais. De fato, para Goiás projeta-se, agora, uma segunda safra em torno de 11,6 milhões de toneladas, contra 13,6 milhões projetadas em maio. Para Minas Gerais, o volume atual está em 3,1 milhões de toneladas. Já para as regiões Norte e Nordeste, a estimativa de área está em 2,36 milhões de hectares, enquanto a produtividade média fica em 5.598 quilos por hectare. Com isso, a produção, nas duas regiões somadas, chegaria a 13,2 milhões de toneladas, superando as 11,97 milhões colhidas no ano comercial anterior, 2020/21.

Quanto à colheita da safrinha, até agora efetivada, o Centro-Sul, no início da presente semana, registrava um total de 30,7% da área já colhida, contra apenas 12,2% no mesmo período do ano anterior. Especificamente no Mato Grosso, segundo o Imea, a colheita atingia a 55,5% da área, contra 38,9% na média histórica para esta data. Em relação ao ano anterior, a colheita no referido Estado está 33 pontos percentuais avançada.

Por sua vez, no Paraná, a colheita da segunda safra atingia a 10% da área no início desta semana, havendo 64% das lavouras em fase de maturação, enquanto 72% das mesmas estavam em boas condições e 7% estavam ruins.

E no Mato Grosso do Sul, conforme a Famasul, 5,7% das lavouras de milho safrinha haviam sido colhidas até o dia 1º de julho, contra a média histórica de 5,6% naquela data. Cerca de 81% das lavouras estavam em boas condições e 6,4% ruins. A produção esperada está ao redor de 9,3 milhões de toneladas neste momento, com uma produtividade média de 78,1 sacos/hectare. Pelo lado do preço, o mês de julho entrou apontando um importante recuo no valor do cereal naquele Estado, com o saco atingindo R\$ 70,56, contra R\$ 75,63 na semana anterior e R\$ 79,26 na mesma data do ano anterior. Enfim, as vendas da atual safrinha estão estabilizadas em 26% do total esperado, contra 42% em igual período do ano anterior.

Por outro lado, em termos de exportações, o Brasil vendeu ao exterior um total de 1,05 milhão de toneladas de milho em junho, contra apenas 92.169 toneladas em junho do ano passado. Esse aumento no volume exportado se dá pelo fato de o nosso país estar ocupando parte do mercado deixado pela Ucrânia, devido a guerra que este país enfrenta. Mesmo assim, o volume ficou abaixo do estimado pela Anec, para o mês passado, que era de 1,79 milhão de toneladas. O preço da tonelada exportada ficou em US\$ 326,60 na média de junho. (cf. Secex) Com isso, no primeiro semestre do corrente ano o Brasil já exportou em torno de 6,05 milhões de toneladas, sendo que o forte das mesmas se dá no segundo semestre, com a entrada da safrinha. Apenas para julho esperam-se vendas externas ao redor de 3,5 milhões de toneladas de milho.

Diante de tal ritmo, estima-se que o Brasil exportará entre 41 e 43 milhões de toneladas de milho em 2022, lembrando que, no ano passado, o país exportou somente 20,9 milhões de toneladas do cereal. (cf. Secex e StoneX)

Enfim, o Brasil importou 151.893 toneladas de milho em junho deste ano, tendo adquirido 30,1% mais do que junho do ano passado. (cf. Secex)

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, continuaram despencando nesta semana. O primeiro mês cotado chegou a bater em US\$ 7,92/bushel no dia 06/07. Após ajuste técnico (tomada de lucros), o fechamento desta quinta-feira (07) ficou em US\$ 8,24/bushel, contra US\$ 8,68 uma semana antes. Lembrando que a média de junho ainda fechou em US\$ 10,10/bushel. Mesmo assim, um recuo de 11,4% em relação a maio. Para comparação, em junho de 2021 a média ficou em US\$ 6,66/bushel.

Esta significativa baixa dos preços mundiais do trigo está relacionada ao fato de que a Ucrânia teria encontrado um meio de escoar seu produto, mesmo em plena guerra, segundo o chefe do grupo suíço de produtos de panificação Aryzta. Segundo a fonte, “quando os navios puderem deixar o porto (ucraniano bloqueado) de Odessa novamente, de maneira controlada, os preços vão se corrigir até certo ponto. O fator decisivo será se os agricultores da Ucrânia poderão semear trigo de inverno no outono europeu, que começa em 21 de setembro”. Caso esse último ponto não ocorra, a tendência será novo aumento dos preços mundiais, pois haveria escassez de 30% de

trigo no mercado mundial. Lembrando que as exportações de grãos da Ucrânia caíram 43% em relação ao ano anterior, ficando em 1,41 milhão de toneladas em junho. Todavia, as exportações de grãos, para o total do ano comercial 2021/22, encerrado em 30 de junho, aumentaram 8,5%, para 48,5 milhões de toneladas, impulsionadas por fortes embarques anteriores à invasão russa em 24 de fevereiro. A própria exportação de trigo aumentou para 18,7 milhões de toneladas no ano comercial que acaba de findar, contra 16,6 milhões no ano anterior.

Outro fator baixista no mundo está na safra recorde da Austrália e, mais recentemente, na informação de que o Canadá semeou a sua maior área de trigo nesta primavera do Hemisfério Norte, nestes últimos nove anos. O país prevê plantar, em trigo, um total de 10,3 milhões de hectares, sendo a maior área desde 2013. O aumento de área é de 9% sobre o ano anterior. (cf. Statistics Canada)

Enquanto isso, na União Europeia, a Comissão local reduziu sua previsão para a safra de trigo macio em 2022/23, porém, manteve suas projeções de exportações recordes. Assim, a produção ficaria em 125 milhões de toneladas, sendo 5,4 milhões abaixo do projetado um mês atrás, e abaixo das 130,1 milhões colhidas em 2021/22. Já para as exportações a expectativa é de um volume ao redor de 38 milhões de toneladas, o que seria um recorde para o bloco, superando em 8 milhões o estimado para 2021/22. Dito isso, com a redução na projeção de produção, os estoques de trigo macio, no bloco europeu, ficariam em 13,2 milhões de toneladas, ou seja, um recuo de 4 milhões em relação ao ano anterior.

Em paralelo, na Argentina o plantio de trigo, para a safra 2022/23, é o mais atrasado da última década, segundo a Bolsa de Comércio de Rosário. Com isso, poderá haver novo corte na área semeada do país, atualmente prevista em 6,3 milhões de hectares para o trigo. O problema central é a continuidade do déficit hídrico no vizinho país.

Outrossim, a colheita do trigo de inverno nos EUA, até o dia 03/07, atingia a 54% da área, contra 48% na média histórica. Já as condições das lavouras deste trigo, ainda a colher, apresentavam-se com 31% entre boas a excelentes, 26% regulares e 43% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera apresentava 20% de suas lavouras germinadas, contra 57% na média histórica para a data. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras deste trigo registravam 66% entre boas a excelentes, 26% regulares e 8% entre ruins a muito ruins.

E no Brasil, os preços estabilizaram, porém, mantendo o viés de alta. Ou seja, por enquanto, devido à nova desvalorização do Real e a escassez de produto nacional, o recuo das cotações internacionais não está atingindo os preços nacionais. Entretanto, a forte queda nos valores mundiais pode frear o ímpeto exportador que ainda possa existir no país.

Assim, em junho, os preços médios seguiram recordes no Rio Grande do Sul (R\$ 2.147,24/tonelada) e em Santa Catarina (R\$ 2.094,40/tonelada), considerando-se a série histórica do Cepea/Esalq, iniciada em 2004. No Paraná e em São Paulo, as médias de junho foram as maiores desde 2013. E na semana, a média gaúcha fechou, no balcão, em R\$ 114,21/saco, com regiões gaúchas pagando R\$ 115,00, enquanto no Paraná os valores oscilaram entre R\$ 110,00 e R\$ 112,00/saco.

Dito isso, o plantio no Paraná chegava a 96% da área neste início de semana, enquanto no Rio Grande do Sul o mês de junho fechava com 60% da área semeada, contra 80% um ano antes e 81% na média histórica. (Deral e Emater)

Por sua vez, os moinhos brasileiros apontam para novos reajustes no preço da farinha e derivados de trigo no país, mesmo com a queda nos preços externos. Isso porque, enquanto o custo do trigo, para os moinhos, teria subido 30%, no acumulado do ano, o repasse aos consumidores teria sido de 15%. Portanto, haveria a necessidade de repassar outros 15%, pois as indústrias não têm interesse em reduzir suas margens de ganho, em alguns casos já parcialmente comprometidas. A situação interna somente poderá melhorar, para o consumidor, a partir de fins de setembro, com a entrada da nova safra, desde que a mesma não sofra quebras importantes. Na prática, as fortes exportações deste ano, puxadas pela elevação de preços mundiais e a ausência da Ucrânia no mercado, começam a ter seus efeitos negativos sobre a oferta de trigo no mercado interno brasileiro, pois elas reduziram em mais de 3 milhões de toneladas a disponibilidade local.

Enfim, a Conab revisou novamente para cima a futura produção nacional de trigo, projetando um total de 9 milhões de toneladas em 2022. Em isso se confirmando, estaremos diante de um aumento de 17,6% sobre a safra anterior. A área de trigo deverá ser a maior nos últimos 32 anos no país. De forma geral, o Brasil já teria semeado 65% da área esperada, que é de 2,9 milhões de hectares (perde apenas para os 3,28 milhões de hectares semeados em 1990). A Conab igualmente espera um ganho de produtividade ao redor de 10,3%, com a mesma atingindo a 3.000 quilos/hectare. 32 anos atrás esta produtividade era de 1.000 quilos/hectare. Em tudo isso ocorrendo, o Brasil deverá importar, em 2022/23, 6,5 milhões de toneladas e exportar 2,5 milhões, lembrando que no atual ano comercial, que está se encerrando em julho, o país deverá importar 6 milhões de toneladas e exportar 3,2 milhões.